



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

SINDICATOS E CORPORATIVISMO EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Alexandre de Jesus Santos*
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida**
(UESB)

RESUMO

Este artigo trata-se de um ensaio sobre o papel das greves no processo de desenvolvimento da consciência de classes, e a luta sindical no atual contexto em Vitória da Conquista, que tem sido palco de diversas manifestações de trabalhadores de distintos setores. Tais manifestações, no entanto, no contexto de reestruturação produtiva e neoliberalismo revelam a fragmentação da classe laboriosa bem como a natureza corporativista de suas reivindicações. Nesse sentido, buscamos analisar a consciência de classe revelada nas manifestações, na organização e mobilização, na atuação prática e no alcance de tais ações, levando em consideração a precarização das relações trabalhistas, o papel do sindicato em sua crise e a alienação dos trabalhadores diante da crise estrutural do capital.

PALAVRAS-CHAVE: Classes Sociais, Sindicatos, Consciência de classe.

* Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e membro do GEILC – Grupo de Estudos em Ideologia e Luta de Classes, do Museu Pedagógico/UESB. E-mail: alexandre_magno2@hotmail.com

** Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais – PUCSP. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Vitória da Conquista, cidade situada no Centro-Sul da Bahia, a aproximadamente quinhentos quilômetros de Salvador é a terceira maior urbe do Estado em termos populacionais, possuindo seu sexto maior Produto Interno Bruto – PIB⁴⁶¹. O desenvolvimento urbano desordenado, resultado do processo de imigração que desembocou no crescimento populacional dos últimos sessenta anos, trouxe para o município os conflitos sociais irrompidos desde os tempos modernos, realidade presente no Brasil de forma mais latente a partir da década de trinta com o Estado Novo e a implantação paulatina do moderno capitalismo.

Os conflitos sociais inerentes às relações de produção capitalistas cristalizaram-se na sociedade conquistense, levando os trabalhadores e a classe patronal (notadamente vinculados ao terceiro setor da economia), a organizarem-se em entidades de classe que pudessem, em alguma medida, resguardar seus interesses, reafirmando o que disse Ridenti, que a democracia institucional burguesa, “implica a existência de canais de representação dentro da ordem para as demais classes, por exemplo, pela instituição de partidos políticos, de sindicatos, de um sistema eleitoral etc.” (2001, p. 95).

A organização dos trabalhadores, neste caso os servidores públicos municipais de Vitória da Conquista e trabalhadores de algumas empresas privadas, constituídos enquanto classe social – estrutural ou em termos de consciência de classe –, e a maneira como se faz representar socialmente, norteia a elaboração deste trabalho, que busca analisar o atual nível de consciência dessa classe, bem como a visibilidade e o alcance das suas ações. Para facilitar nossa análise, centralizaremos a abordagem em alguns sindicatos que atuam em Vitória da Conquista.

⁴⁶¹ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI –, 2007.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A primeira discussão a ser tratada é a própria concepção de classe social, tema já amplamente discutido, embora ainda polêmico. Tomaremos, aqui, a classe numa perspectiva estrutural, de forma que, em si, se define pelo papel ocupado pelos indivíduos no processo produtivo. Nesse sentido, a sociedade divide-se em dois grandes agrupamentos sociais: o dos proprietários dos meios de produção e o dos possuidores da força de trabalho.

Embora Marx não tenha concluído o esboço do capítulo d'O Capital que dedicaria às classes sociais da sociedade capitalista e não discutiu o tema em outras obras, autores contemporâneos outros compartilham da premissa posta acima, dentre eles Lukàcs (2003) e Antunes & Alves (2004).

A concepção genérico-abstrata em que “os grandes grupos humanos que se relacionam e lutam entre si para produzir o próprio sustento, criando relações de dominação para apropriarem-se do excedente gerado além do mínimo necessário a subsistência” (RIDENTI, 2001, p. 13), reconhece o isolamento intelectual da classe trabalhadora enquanto objeto de estudo, embora tal retraimento não corresponda à realidade do ponto de vista da consciência, pois os critérios utilizados por Marx em O 18 Brumário de Luís Bonaparte (2008, p. 115-116) para definir a classe para si, parecem estar relacionados muito mais com a subjetividade da consciência que com a objetividade produtiva. Ou ainda, conforme observou Thompson (2002) no texto intitulado Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”, uma classe não pode existir sem ter consciência de si mesma.

A classe está condicionada às objetividades da existência, condições essas criadas pela atuação das próprias classes sociais através do tempo, de forma que a busca por melhorias requer esforço e organização coletiva dos trabalhadores, pois que se trata de uma luta do trabalho contra o capital. Essa necessidade recai, conforme já dito, na formação de organizações sindicais que, ao menos em teoria, têm o papel de lutar por melhorias vitais, bem como por condições de trabalho.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Luxemburgo (2010a, p. 87) traça duas tarefas econômicas gerais para os sindicatos. A primeira: “influenciar, pela sua organização, a situação do mercado da mercadoria força-trabalho”; a segunda, “melhorar as condições de existência da classe operária, a aumentar a parte da riqueza social que lhe cabe”. A estes objetivos, acrescentamos outro particularmente importante, condizente com a concepção lukacsiana quando propõe que “apenas tal relação da consciência com a realidade torna possível a unidade entre a teoria e a práxis” (LUKÁCS, 2008, p. 65), também de Rosa Luxemburgo (2010b, p. 245), quando diz que:

[...] a greve de massas foi posta em prática na Rússia, não na perspectiva de uma passagem brusca à revolução, como um golpe teatral que permitisse economizar na luta política da classe operária, [...], mas como um meio de criar ao proletariado, em primeiro lugar, as condições para a luta política cotidiana [...].

Dessa forma, a greve pode ter como consequência o despertar da consciência dos indivíduos acerca da luta política e a própria compreensão da realidade em sua concretude, na mesma perspectiva de Alves (2000, p. 116) quando afirma “o verdadeiro valor político (e moral) das lutas sindicais dos anos 80, na perspectiva classista, consistiu em constituir, pelo menos em seu nível elementar, a consciência necessária de classe (e não o mero reconhecimento da legitimidade do papel social dos sindicatos)”. Esta entidade, que por um determinado momento dá unicidade à luta, oferece subsídio de propósito a todos os indivíduos pertencentes a uma determinada categoria de trabalhadores, constituindo, nesse momento, a classe social. Nesse sentido, esta se faz no processo histórico da luta de classes (THOMPSON, 2002). No primeiro momento, reunidos em torno de causas particulares, na maioria das vezes de natureza corporativa. Com o amadurecimento da classe no processo histórico, ou seja, na tomada da consciência de si, as reivindicações econômicas podem dar origem a um



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

movimento político no qual os interesses individuais de categorias poderão ser suprimidos em prol de interesses coletivos de classe.

No entanto, a situação real da atuação sindical tem levado a outro caminho. A capacidade de mobilização dos sindicatos parece não ter se desenvolvido suficientemente no processo de lutas para além de seu lugar histórico. Mais, não conseguiu superar a ideologia burguesa – se é que acatou para si o papel real da luta de classes marcada pela contradição capital/trabalho – que seduz os trabalhadores à condição material que as lutas travadas pela classe laboriosa não ultrapassam o patamar do reajuste salarial, muitas vezes nem sempre vitoriosa. Nesse sentido, as novas formas de trabalho precarizado, originários do processo de reestruturação produtiva e acumulação flexível, juntamente com os problemas encontrado na organização dos trabalhadores sequer compõem a pauta de reivindicações das categorias – e quando compõem, não são levados em conta quando as questões salariais são atendidas. Entrementes, essa lógica já era apontada por Engels (apud LUXEMBURGO, 2010b, p. 242), quando afirmava, referindo-se a greve geral, que,

Os governos por um lado, se não encorajados pela abstenção política, jamais deixarão chegar a tal ponto a organização e os fundos dos operários; por outro lado, os acontecimentos políticos e a intervenção das classes dominantes conduzirão ao enfraquecimento dos trabalhadores muito antes dos trabalhadores atingirem esse nível de organização ideal [...].

Assim, a perspectiva de classe, que caracterizou o sindicalismo brasileiro nos anos oitenta, uma das expressões mais latentes da luta de classes no Brasil, tornou-se uma luta de um tipo novo de corporativismo de classe, ou melhor, de categoria (ALVES, 2000). Dessa forma, Vitória da Conquista, por exemplo, no ano de 2010 testemunhou greves expressivas no município. Naquele ano, entraram em greve, quase que simultaneamente, os professores da Rede Municipal de Ensino,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

representados pelo Sindicato do Magistério Municipal Público, SIMMP (entidade que contava, em 2010, com aproximadamente 1200 sindicalizados, de um total de 1800 de professores registrados)⁴⁶², e os servidores públicos municipais, representados pelo Sindicato dos Servidores Públicos Municipais, SINSERV (a entidade tem em torno de 1500 sindicalizados num universo de 7.000 funcionários registrados na PMVC)⁴⁶³.

Outra categoria que entrou em greve no mesmo período foi a dos profissionais do transporte coletivo urbano. Esta, pela sua capacidade de atingir diretamente o processo de produção, impedindo o deslocamento da força de trabalho e atingindo o processo de produção (no nosso caso específico, a circulação e venda de mercadorias e bens de consumo, já que a maior parte da economia conquistense provém do terceiro setor), teve grande visibilidade na sociedade. No entanto, apesar da capacidade de repercussão desses movimentos e do poder de paralisia, mesmo que temporária, das forças produtivas e unidades de produção, a dimensão dessa repercussão, do ponto de vista social, não ultrapassou o momento imediato posterior ao término do movimento grevista. Apesar dos fatores que lhe são favoráveis, a baixa consciência de classe debilita sua resistência política. Foi obrigada a voltar ao trabalho por força de uma liminar da justiça, que – como se espera da esfera jurídica burguesa – considerou a greve improcedente.

Além das categorias supracitadas, entraram em greve, no mesmo período, os servidores da Justiça Federal e os bancários, liderados por seus sindicatos, engrossando, assim, as fileiras dos grevistas.

O que se observou em todo o processo das greves eclodidas foi que, embora tenha atraído um grande número de trabalhadores ao movimento, pelo fato concreto de que as propostas de reajustes salariais oferecidas às categorias estavam muito aquém do reivindicado, as lutas categoriais não conseguiam

⁴⁶² Dados fornecidos pelo Sindicato do Magistério Municipal Público – SIMMP.

⁴⁶³ Informações contidas no informativo Conquista Popular de 5 de Maio de 2011.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

imprimir ao movimento grevista uma consciência de luta de classes, ficando na esfera categoria-corporativista. Não se conseguiu – muitos se perguntam se era esse mesmo o intuito das entidades sindicais – imprimir ao movimento qualquer ideia ou sentimento que transcendesse as demandas imediatas de natureza salarial, ou seja, de capacidade reprodutiva das relações de exploração capitalistas. Assim, as raras conquistas obtidas pelos supracitados movimentos trabalhistas de Vitória da Conquista reduziram-se ao âmbito da manutenção do poder aquisitivo e possibilidade existencial – e reprodutiva – dos indivíduos pertencente à classe trabalhadora local.

Outro elemento importante e crucial para se entender esse processo é a alienação/estranhamento diante das novas formas de trabalho precarizado e mesmo a submissão do trabalho pelo capital. Como propõe Antunes & Alves (2004, p. 349), o

[...] domínio do capital sobre a vida fora do trabalho, que colocam obstáculos ao desenvolvimento de uma subjetividade autêntica, ou seja, uma subjetividade capaz de aspirar a uma personalidade não mais particular nem meramente reduzida a sua “particularidade”. A alienação/estranhamento e os novos fetichismos que permeiam a mundo do trabalho tendem a impedir a autodeterminação da personalidade e a multiplicidade de suas qualidades e atividades.

A problemática da cooptação dos sindicatos por partidos políticos, sobretudo quando da situação, compromete ainda mais a luta dos trabalhadores, uma vez que tais sindicatos não ultrapassam os limites impostos pelas agremiações que os aparelham, deixando de cumprir o precípua papel, conforme indicado por Luxemburgo (2010a), de despertar a consciência dos trabalhadores, levar à sociedade a discussão acerca da situação e da exploração às quais os trabalhadores estão submetidos pelo capital. Nesse sentido, as mobilizações e a consciência sobre a situação imediata do trabalhador pelo próprio trabalhador,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

somente é passível de afloramento quando suas condições objetivas de existência e reprodução são colocadas em jogo.

Uma análise mais criteriosa desse processo revela-nos uma luta de classes marcada pelas sucessivas greves ocorridas nos últimos anos em Vitória da Conquista, mas contida pela natureza corporativista dos movimentos liderados pelos sindicatos. Indica um fraco desenvolvimento da consciência de classe por parte dos trabalhadores e o desencadeamento paulatino e consequente de uma luta de classes assinalada pelo corporativismo, sob a liderança de sindicatos atrelados a interesses extra-sindicais, ao Estado, carreirismo de lideranças, aparelhamento de partidos políticos, etc. Tais limitações marcam a luta dos trabalhadores em parcelamentos categoriais, pautando-a na demanda salarial e restringindo-a à ação pela continuidade da exploração de sua força de trabalho, de forma que “o individuo chega à auto-alienar [...], vendendo, por exemplo, sua força de trabalho sob as condições que lhe são impostas [...]” (ANTUNES & Alves, 2004, p. 135).

Nessa concepção, algumas particularidades ressaltaram aos olhos de qualquer observador atento no processo de greves em Vitória da Conquista. Vejamos:

- a) Sinais da crise que grassa a luta sindical, principalmente pós emergência do neoliberalismo, evidenciada numa significativa descredibilidade no sindicato por parte das categorias. Isso se mostrou expressivamente no caso do SINSERV. Apesar do número de trabalhadores da Prefeitura Municipal, o número de filiados ao sindicato não chega a 25% do total da categoria. Tal dado sugere, à primeira vista, o desconhecimento – ou reconhecimento – do papel histórico dos sindicatos, enquanto entidade política típica do processo de acumulação capitalista, o que pode significar, não representante dos reais interesses da classe trabalhadora.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

b) Apesar das insatisfações generalizadas, evidenciadas no pool de greves emergidas no período, em nenhum momento se buscou a união das categorias na luta contra a superexploração do capital sobre o trabalho, não se falando em mobilização unificada das categorias. A solidariedade de classes ficou somente – e quando ficou – nas notas públicas. Ao que parece, o corporativismo tornou a greve num fim em si mesma. Em conquista, a perspectiva luxemburguiana de Rosa, que afirmava ser a greve um meio de desenvolvimento da consciência de classe não se confirmou no ano em foco. Naturalmente, não negamos a relação dialética do desenvolvimento histórico.

c) O problema central da inconsciência de classe dos trabalhadores locais não está na causa somente da crise da luta sindical e no seu descrédito consequente. O caso do SIMMP, por exemplo, em que aproximadamente 25% da categoria são professores contratados, submetidos a relações de emprego e trabalho precarizado, e muitas vezes apadrinhado, mostra que o neoliberalismo, o aprofundamento da divisão social do trabalho, a mundialização do capital, a reestruturação produtiva, acompanhada da precarização das relações de trabalho nas suas mais diversas formas, são alguns elementos que têm, também, contribuído para a fragmentação da classe trabalhadora, bem como a perda da consciência histórica, tão importante para o auto-reconhecimento enquanto agente social histórico (ALVES, 2001).

Em plena crise do capital “marcada por um continuum depressivo [...] [que] se mostra longa e duradoura, sistêmica e estrutural” (ANTUNES, 2011, p. 10), os trabalhadores têm se rebelado no sentido de constituição de uma consciência crítica de si, esperando que os processos de luta contra a exploração do capital



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

forneçam à classe laboriosa a consciência necessária para a atuação no processo histórico, pois, “o proletariado pode tornar-se consciente de si mesmo somente desenvolvendo a consciência de classe, ao passo que a burguesia, contra quem luta, já é consciente de si” (THOMPSON, 2002, p. 32).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. Do “Novo Sindicalismo” à “Concentração Social” – Ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). *Sociologia Política*, Curitiba, n. 15, p. 111-124, nov. 2000.
- ANTUNES, Ricardo & ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, Campinas, Vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.
- _____. A Substância da Crise. In: MESZÁROS, István. *A Crise Estrutural do Capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- LUXEMBURGO, Rosa. Sindicatos, cooperativas e democracia política. In: _____. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2010a.
- _____. Greves de massas, partidos e sindicatos. In: BOGO, Ademar (ORG). *Teoria da organização política; escritos de Engels, Marx, Lenin, Rosa, Mao*. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.
- LUKÀCS, George. *História e Consciência de Classes: estudo sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- _____. *As Lutas de Classes na França (1848-1850)*. São Paulo: Global, 1986.
- RIDENTI, Marcelo. *Classes Sociais e Representações*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. São Paulo: Unicamp, 2002.